

## SUBALTERNIDADES: UM ESTUDO INTERSECCIONAL DO SILENCIAMENTO DA MULHER NEGRA NO FEMINISMO PÓS- COLONIAL.

Josemeire Ferreira Andrade

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – [josyfandrade@gmail.com](mailto:josyfandrade@gmail.com)*

### Resumo

O presente artigo traz a reflexão da interseccionalidade de gênero, raça e classe em um recorte do feminismo negro no pós-colonialismo, uma perspectiva na crítica de teóricos como Spivak, Bahi, Kimberle Crenshaw e Lélia González, escrevem sobre as questões interseccionais de gênero, raça e classe, e as quais elenco como provedora de um silenciamento histórico das mulheres negras. Em uma análise do filme Moolaadé de Ousmane Sembène cineasta Senegalês que apresenta as violências sofridas pelas mulheres africanas em um povoado na Nigéria a partir da apresentação da tradição religiosa a mutilação genital como forma de violação dos direitos da mulher no que tange os direitos de decidir sobre seu corpo e fala. Apresento as escritoras feministas negras que abordam em suas produções literárias tais violências de gênero como as de Conceição Evaristo em Insubmissas lágrimas de mulheres, Cidinha da Silva, Suely Carneiro, Cristiane Sobral, elencando um elo entre as violências e opressões da realidade demonstradas em seus textos ficcionais baseados no cotidiano que ocasionam o silenciamento que insiste em imprimir historicamente as mazelas do colonialismo e colocar a mulher negra em posição de subalternidade e invisibilidade.

Palavras-chave: Subalternidade, gênero, classe, sexualidade, raça.

### Introdução

O presente artigo, elenca o silenciamento da mulher, em especial a mulher negra, a crítica e a teoria da indiana Gayatri Spivak (2001) que em um dos seus debates a partir de problemática de “um corpo que fala”, redimensionando os “falares do feminismo ocidental” o qual parece fraturar a presença do discurso feminino em contextos “pós-coloniais”. Para abordagem deste tema escolhido, apresento as considerações de Spivak como parte integrante do corpora desta produção acadêmica, será um estudo: teórico, descritivo sobre as mulheres não brancas mencionadas em posição de subalternidade que geraram um apontamento crítico os quais suscitaram em reações que levantam questionamentos basilares para discussão sobre o feminismo pós-colonialismo.

Neste primeiro momento, apresento a minha experiência como ativista do movimento de mulheres negras e também de lésbicas, bissexuais e transexuais que sofreram violências físicas e psicológicas, atos misóginos que quando não matam deixam várias sequelas psicológicas e uma delas é o silenciamento. Estou falando de uma luta de longa data, de uma sociedade patriarcal e um feminismo branco hegemônico não evidenciava a existência das mulheres negras, bissexuais e transexuais, na tentativa de um apagamento, de coloca-las em um não lugar colocando-as em um não lugar, ou em lugar de subalternidade.

Segundo, Kimberle Crenshaw em seu estudo, procura estabelecer pontes entre políticas desenvolvidas para eliminar a desigualdade racial e de gênero no contexto nacional de muitas nações, no Brasil e Estados Unidos, têm promovido mecanismos de proteção legal contra as discriminações racial e de gênero; no entanto, quando as leis não preveem que as vítimas da discriminação racial podem ser mulheres no Cruzamento de raça e gênero e que as vítimas da discriminação de gênero podem ser mulheres negras, elas acabam não surtindo o efeito desejado e as mulheres ficam desprotegidas. Por último, vejo esse trabalho como uma tentativa de abordar diferenças entre as experiências efetivas de mulheres negras no dia-a-dia. Todas as pessoas sabem que têm tanto uma raça quanto um gênero, todas sabem que têm experiências de interseccionalidade.

Por isso reconheço a busca ao enfrentamento de tantas opressões de gênero e sexualidade.

O feminismo negro que veio ao longo do tempo pautando-se nas experiências vivenciadas e da trajetória de mulheres negras feministas como Angela Davis, Bell Hooks, Audre Lord, Glória Auzandua, Lélia González, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Vilma Reis, Luíza Bairros, dentre tantas outras feministas negras

brasileiras e norte-americanas que através de sua militância conseguem engajar tantas outras mulheres em posição defensiva, numa perspectiva de garantir os direitos das mulheres, dar voz, para que tenham autoridade, inclusive dirimir as diferenças entre mulheres dentro da categoria de mulheres, a partir de um verdadeiro separatismo racial, de classe e sexista. Como também o feminismo branco e classista, nos leva a pensar que, enquanto as mulheres brancas, queimavam sutiãs, trabalhavam nas fábricas, lutavam pelo direito ao voto, as mulheres negras, silenciadas, lutavam para existir enquanto pessoas. É interessante que, depois de décadas as mulheres não brancas continuam vivenciando as questões interseccionais que as acompanham.

Estas realidades citadas em torno deste corpo negro, também são evidenciadas nas escritas de mulheres negras, feministas ou não, nas películas fílmicas que nos leva a identificar tais mazelas em outros países, inclusive no continente africano, como por exemplo o filme Moolaadé, que se passa na Nigéria, escrito pelo cineasta senegalês Ousmane Sembène, que busca inventariar as questões de gênero das mulheres africanas e com um requinte de excelência reúne em seu texto fílmico, retrata inúmeras violências sofridas pelas mulheres que vivem no continente africano, em um povoado na Nigéria.

A narrativa denuncia as várias formas de opressão feminina através da atmosfera densa do afroislamismo, aparelhado a práticas rituais que se vinculam a uma cultura religiosa em meio ao poder patriarcal separa homens e mulheres e que coloca os homens em posição de comando e as mulheres em posição de subjugação. Submetendo-as a violências físicas e psicológicas desde a infância, que por muitas vezes as levavam a morte o que fazia do nascer mulher um motivo de tormento, este à espera da dor física e das opressões de gênero, que nos leva pensar que a partir do contato com outras culturas, tantas mulheres podem sair desta teia tecida pelo machismo, marcadas pelo poder e indiferença com a dignidade e direitos das mulheres, no que tange os direitos humanos.

Voltando aos questionamentos em torno da crítica de Spivak sobre o sujeito subalterno a mulher historicamente emudecida. É impressionante o fato desta mulher citada por Spivak, que comete o suicídio por não ter direitos como ser social, marcada pelo machismo que infere a estas mulheres o medo e a morte, por não terem o direito de amar livremente, inclusive no que tange os direitos humanos. A autora, mostra a realidade de uma mulher indiana que comete o suicídio pela suspeita que ela teria um amor ilícito, a morte inclusive é provocada no período menstrual para não ficar a ideia de gravidez, o que traria uma desgraça moral ao restante da família.

## Resultados

Mediante a descrição acima o machismo, o domínio do patriarcado e a igreja são elementos que tomam conta do corpo feminino e tentam a partir do feminismo negro decolonial usar de artifícios como o vivido e o experienciado para dar voz e utilizá-la como ferramenta de emancipação da feminina.

De tantas as formas de acesso a fala, sinto a necessidade de mergulhar na produção do conhecimento, visto que a experiência acumulada com a escrita literária de mulheres negras e que o acesso à leitura destas produções tem auxiliado nos processos de conhecimento e contextualização, solidificando com mais nitidez como se dão as hierarquias sociais no que tange as facetas de gênero, raça e classe, muitas vezes uma escrita demarcada com sangue, perda, angústia, mas, também de amor, empoderamento feminino a partir de poderosas escritas estéticas concretizando vivências em papéis e lugares vividos ou dentro de um imaginário da vida real.

## Discussão

Após ler Ponciá Vivêncio(2003), de Conceição Evaristo, e Insubmissas Lágrimas de Mulheres, com verdadeiras histórias ficcionais, imitando a vida real, com todas as opressões de gênero e raça contidas no cotidiano de muitas mulheres é pensar na força temática destes textos produzidos por estas mulheres negras que apresentam uma força temática, apresentada pela violência masculina que adensam na construção da fábula dos enredos e na organização da linguagem para construir efeito de sentido no interlocutor, leitor no intuito de indagar as consequências de tais mazelas na vida das mulheres, inserindo uma literatura de denuncia para quebrar os silêncios e silenciamentos mais ainda buscando através desta ferramenta acadêmica como objeto de muitas discussões assentar o ponto de vista norteador da busca por direitos, fraturando a cultura colonial de manter a mulher em situação de subalternidade, assolada pelas questões interseccionais e dirimir os conflitos que as oprimem.

## Conclusões

O presente texto, vem trazer questionamentos sobre o silenciamento das mulheres, em especial as mulheres negras que além de sofrerem com as mazelas de uma sociedade patriarcal, machista, sexista, lesbofóbica e misógina ainda são assoladas com o racismo. Dentro do pensamento de várias escritoras contemporâneas e do texto fílmico de do Senegalês Osmane Sembène, são elencadas as diversas formas de violência contra as mulheres e como isto afeta as suas vidas. A partir do posicionamento de mulheres ativistas, militantes e literatas negras e não brancas, no contexto do feminismo negro, trago a reflexão de seus textos e escrevivências em um contexto decolonial que contribuem em dar voz a tantas mulheres que vivem em um regime de opressão e silenciamento.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *A coisa à volta do teu pescoço*. São Paulo: Dom Quixote, 2012.
- BAIRROS, Luiza. “Nossos femininos revisitados”. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 458-463, 2. sem. 1995.
- BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. São Paulo: Campus, 1997.
- CARNEIRO, Sueli. “Mulheres em movimento”. In: *Revista Estudos feministas*. N.2/1995.
- COSTA, Jurandir Freire. *Da cor ao corpo: a violência do racismo*. In: *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Franz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. São Paulo: Pallas, 2014.
- EVARISTO, Conceição. *Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira*. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p. 52-54.
- GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. In: MEC/SECAD. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília, 2005. p. 39-62.
- IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Tradução Albino Pozzer, revisão Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- NOGUEIRA, Izildinha Baptista. *Significações do corpo negro*. São Paulo: USP, 1998 (Tese de doutorado em psicologia escolar e do desenvolvimento humano).  
Disponível em: <http://psicologiaecorpo.com.br/pdf/Isildinha%20Baptista%20Nogueira-Significacoes%20do%20Corpo%20Negro-1.pdf>. Acesso em 12 nov. 2016.
- OLIVEIRA, Eduardo. *Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: UNICAMP, 1995.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. *Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si*. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre Barbosa (Orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 27-42.
- SOBRAL, Cristiane. *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*, Brasília: Dulcina, 2011.
- SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Dulcina, 2011.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- VIEIRA, Lia. *Só as mulheres sangram*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.